

HISTÓRIAS QUE PRECISAM SER CONHECIDAS

# 8 DE JANEIRO

POR CRISTINA GRAEML

PREFÁCIO DE

ALEXANDRE GARCIA



GAZETA DO POVO



## CRISTINA GRAEML

Formada em Comunicação Social – Jornalismo (UFPR/1992). Trabalhou como repórter de TV por 26 anos. Foi repórter do Jornal Nacional da TV Globo no Rio de Janeiro e em São Luís (MA). Na RPC (afiliada TV Globo–Curitiba) fez parte da equipe que, em 2010, ganhou o Prêmio Esso de Jornalismo e o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo, entre outros, pela série de reportagens Diários Secretos, que denunciou esquema de contratação de funcionários fantasmas e desvio de mais de 200 milhões de reais da Assembleia Legislativa do Paraná. Antes disso, a série de reportagens 25 anos de pesquisas paranaenses na Antártica, de 2008, venceu o prêmio Sangue Bom de Jornalismo do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Paraná (Sindijor).

Está na Gazeta do Povo desde julho de 2018, onde já atuou como produtora e apresentadora de minidocumentários em vídeo e programas de análise política (Última Análise, Conversa Com Fiúza, Passando a Régua com Rodrigo Constantino e Hora do Strike). Em 2019 ajudou a implantar a editoria de Vídeos do jornal. Estreou como colunista em fevereiro de 2020, publicando textos e vídeos na coluna Falando Abertamente, editoria Vozes.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Atualmente, é colunista e comentarista de programas de análise política na Gazeta do Povo, Revista Oeste e Rádio Auri Verde de Bauru, além de produzir programação diária em suas redes sociais. Também palestra sobre política nacional e cidadania política.



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

**GAZETA DO POVO**

# PREFÁCIO

## Voz no deserto

Nesses mais de 50 anos de jornalismo eu nunca vi, na mídia, uma omissão tão grave quanta essa de ignorar direitos e garantias fundamentais. O devido processo legal foi desprezado no inquérito que, todas as semanas, vai condenando manifestantes do 8 de janeiro. Certamente, nessa omissão, não estão incluídas a Gazeta do Povo nem Cristina Graeml, que são vozes vibrantes em meio ao deserto do jornalismo passivo.

Repórter exemplar, Cristina foi atrás da história de pessoas que foram presas sem saber por quê; condenadas, sem terem destruído patrimônio público algum. Gente que nem estava em Brasília naquele dia; gente que, de boa-fé, entrou em um ônibus acreditando que iria ser levado para a rodoviária para, de lá, seguir para casa, mas acabou no presídio. Cristina dá voz a quem não teve voz no devido tribunal.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



A Constituição, no art. 5º, inciso XXXVII, estabelece que “não haverá juízo ou tribunal de exceção”. E o Supremo não é o juiz natural para julgar os presos do 8 de janeiro. Não há inquérito individualizado, ouvindo os acusados. A Procuradoria-Geral da República, responsável pelas denúncias, atribui arma a desarmados, tentativa de golpe que não houve. A defesa não tem voz, os julgamentos são coletivos e sumários, as penas são exageradas. Quem danificou patrimônio público deve pagar e ser punido, mas no devido tribunal e dentro do devido processo legal.

A História há de julgar o desprezo ao Estado Democrático de Direito, que fere o país com mais contun-  
dência e mais consequências que os atos treslou-  
cados de algumas dezenas de pessoas, que  
invadiram prédios públicos e foram quebrando o  
que viam pela frente, como já aconteceu em 2006,  
na Câmara e no Senado, por integrantes do Movimen-  
to dos Sem Terra (MST).

Imagine um estudante de Direito ter que digerir que  
o Supremo, invadido, é o mesmo que julga seus

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

invasores... O argumento de que se defende a democracia pondo medo em futuros vândalos não justifica tanto mal à ordem legal e às garantias constitucionais. A democracia tem seus anticorpos, sem que ela precise ser afogada em desvios evidentes. Lembrando Zola no caso Dreyfus, Cristina Graeml é a voz no deserto e um oásis para aplacar os que têm sede de justiça.

**Alexandre Garcia.**

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



ÍN

DI

GE



**Cristina Graeml**



**Prefácio**



**Introdução**



**Capítulo #01**



**Capítulo #02**



**Capítulo #03**



**Capítulo #04**

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



# INTRODUÇÃO

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



8 de janeiro de 2023 é uma daquelas datas que marcam a memória coletiva para sempre, de forma negativa. Daqui a vinte ou trinta anos, nós, brasileiros, ainda saberemos onde estávamos, o que fazíamos e, principalmente, o que sentimos ao saber dos fatos que se desenrolavam em Brasília no primeiro fim de semana após a posse de Lula para seu terceiro mandato como presidente da República, desta vez, sob muita controvérsia. O que torna a data uma trágica mancha na memória brasileira, porém, não é o vandalismo em si, provocado por algumas dezenas de black blocs infiltrados na manifestação, que era pacífica, e sim a longa sequência de abusos de autoridade ocorridos depois.

Estranhamente, a vulnerabilidade dos prédios públicos invadidos não foi investigada, nem os protagonistas de delitos flagrantes, capturados em imagens que circularam por semanas nas redes sociais. Pessoas com camisa do PT, boné do MST ou bandeira da CUT quebrando vidraças do Congresso, enquanto manifestantes vestidos de verde e amarelo registravam a depredação do patrimônio público gritando “não somos nós que estamos

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



depredando, são os infiltrados”. Vândalos com rosto escondido em gorros no estilo balaclava, descendo de rapel pelos janelões do Congresso para fugir sem serem incomodados pela segurança, também figuram das imagens captadas pelas milhares de câmeras, tanto de celulares quanto do circuito de segurança do local, mas não foram alvo de busca e apreensão, muito menos presos. Destino diferente tiveram mais de 2 mil pessoas identificadas como “bolsonaristas”, classificadas e difamadas como terroristas, acusadas de golpistas, presas, esquecidas por meses na cadeia e, depois de soltas, aprisionadas em casa por uma tornozeleira eletrônica e várias restrições de deslocamento e comunicação.

O que torna o 8 de janeiro vergonhoso e marcante na memória coletiva é a falta de interesse do governo Lula em investigar os verdadeiros vândalos e o desdém dos comandantes da Força Nacional, da Guarda Presidencial, da Polícia Legislativa e da Polícia Militar do Distrito Federal em ordenar que tropas protegessem os prédios públicos. Ao mesmo tempo, a ação desproporcional da PM-DF lançando bombas de gás lacrimogênio de helicópteros

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



sobre a multidão desarmada que se encontrava na praça dos Três Poderes, com atiradores mirando nas pessoas e disparando balas de borracha capazes de provocar ferimentos graves e até cegar, como de fato ocorreu.

Impossível esquecer as prisões coletivas, ilegais, autoritárias, sem flagrante de depredação de patrimônio público, inclusive no dia seguinte à manifestação que terminou em quebra-quebra, bem como nos meses subsequentes, através da chamada Operação Lesa-Pátria da Polícia Federal. As acusações genéricas feitas pela Procuradoria-Geral da República, sem provas ou individualização de condutas, as mentiras e a difamação propagadas por políticos petistas e militantes de esquerda contra os manifestantes daquela tarde, tudo isso é motivo para que o 8 de janeiro tenha ficado registrado na lembrança dos brasileiros com idade mínima para entender o desenrolar dos eventos. Elas jamais podem ser esquecidas, mas precisam ser lembradas da forma como de fato ocorreram, e não pela narrativa dos interessados em simplesmente difamar manifestantes, mesmo que não tenham cometido crime algum,

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



apenas por não terem concordado passivamente com um pleito eleitoral altamente questionável, sob vários aspectos.

Milhares de pessoas haviam chegado à capital federal para se juntar a outras dezenas de milhares que já estavam acampadas em frente ao Quartel General do Exército havia mais de dois meses. Naquela tarde de 8 de janeiro, o combinado era que, conforme divulgado em redes sociais, grupos de mensagens instantâneas ou mesmo nos acampamentos Brasil afora, a concentração seria no gramado em frente ao Congresso Nacional, na praça dos Três Poderes. A ideia era transferir o principal acampamento, entre dezenas que existiam por todo o país, para junto das sedes dos Três Poderes constituídos, a fim de aguardar o retorno de parlamentares e ministros do STF do recesso de fim de ano e pressionar por contagem pública dos votos.

Os manifestantes já tinham entendido que os incessantes pedidos de ajuda às Forças Armadas haviam sido inócuos. Depois de mais de dois meses de protestos por contagem pública dos votos, sem obter

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



resposta, não havia mais qualquer esperança de transparência na apuração eleitoral, como manda a Constituição de 88 em seu princípio da publicidade de atos de governo. O foco, a partir daquele domingo, prometia voltar-se, finalmente, ao Legislativo.

Havia muita discordância entre os manifestantes sobre mudar o local do acampamento para o grama-do em frente ao Congresso. De que adiantaria, afinal, levantar cartazes ou gritar bordões de “Parlamentares, salvem o Brasil”, como haviam feito em frente aos quartéis, se deputados e senadores estavam de férias, em seus estados, muitos até no exterior? É certo que havia uma quantidade significativa de exaltados instigando todos os acampados a partirem para alguma ação mais concreta. “Precisamos pressionar”, “Vamos com tudo”, “O Brasil é nosso”, eram palavras de ordem cada vez mais recorrentes, entre pessoas claramente infiltradas nos acampamentos e nos grupos de WhastApp e Telegram. Muitos dos manifestantes reais desconfiaram e não foram para a frente do Congresso Nacional em 8 de

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



janeiro. Mas a maioria foi.

A esplanada estava cercada por policiais militares do Distrito Federal, que revistavam todos os chamados “patriotas”. Mochilas com roupas, barracas, alimentos e garrafas d’água eram permitidas. Bandeiras, idem, mas as hastes foram todas retiradas. Os manifestantes tinham em mãos, majoritariamente, o tecido da bandeira brasileira para agitar, além de garrafas plásticas e celulares para registrar o momento. Muitas senhoras carregavam terços e bíblias. Vizinhos, irmãos, pais e filhos, avós com netos, amigos que haviam viajado juntos ou se encontrado em Brasília, vendedores ambulantes e até moradores de rua atrás de alguma companhia formavam a massa que coloriu o gramado da praça dos Três Poderes de verde e amarelo.

Eu aproveitava os últimos dias de férias na companhia do meu filho. Estávamos num café, em Curitiba, jogando conversa fora quando, de repente, mensagens no grupo da família anunciavam que a manifestação, até então pacífica, estava sendo repelida por bombas de gás lacrimogênio e até tiros

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



disparados por atiradores de dentro de helicópteros da polícia que sobrevoavam a praça. As notícias davam conta de que alguns manifestantes tinham invadido prédios e a imensa manifestação verde e amarela, pacífica como todas as demais que questionavam o resultado das urnas e pediam transparência no processo eleitoral, tinha se transformado num ato de vandalismo generalizado, com vidraças estouradas e móveis quebrados no interior da Câmara do Deputados, Senado Federal, Palácio do Planalto e Supremo Tribunal Federal.

Os fatos eram desencontrados, mas mesmo antes de qualquer apuração ou investigação formal, a narrativa já estava pronta: “bolsonaristas” tentaram dar um golpe de Estado, atacando a democracia, para destituir um governo “legitimamente” eleito. Milícias armadas tentavam abolir o Estado Democrático de Direito, quebravam patrimônio tombado (será que sabiam que aquele relógio do Palácio do Planalto era tombado?), eram, enfim, bandidos da pior espécie e mereciam cadeia, mesmo que o Código Penal não tenha previsão legal para tal punição. Aos lulistas que espalhavam a narra-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



tiva, pouco importa a legalidade, o princípio da inocência até prova em contrário, o devido processo legal. O importante é prender, difamar, destruir, eliminar qualquer um que ouse pensar diferente ou, pior, questionar o resultado de um pleito eleitoral altamente desigual em que só houve justiça para um lado: o do candidato Lula.

Eu estava de férias, mas obviamente, ligada no noticiário. Vinha acompanhando e comentando as manifestações pacíficas que ocorriam por todo o país desde a noite de 30 de outubro de 2022, data do 2º turno das eleições presidenciais em que o descondenado Lula foi alçado de volta “à cena do crime”, como bem pontuara, na campanha eleitoral de 2018, o então adversário na disputa, Geraldo Alckmin. O ex-social democrata Alckmin era agora socialista (PSB) e candidato a vice na chapa de Lula, num daqueles conchavos políticos impossíveis de engolir. Quatro anos antes, porém, denunciara as reais intenções de Lula, ao tentar forçar uma candidatura mesmo estando preso, condenado a mais de 20 anos de cadeia (por 9 juízes diferentes de três instâncias judiciais) por corrupção e lavagem de

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



dinheiro.

O que você lerá nas próximas páginas é um apanhado de verdades que foram escondidas da população pela imprensa lulista e pela narrativa oficial, vindas do Executivo (governo Lula) e de um Judiciário altamente aparelhado por Lula e Dilma em seus 14 anos de governo, antes do impeachment que transformou o vice de Dilma, Michel Temer, em presidente para um mandato tampão, de 2016 a 2018. Temer completou o aparelhamento com a indicação de seu ministro da Justiça, Alexandre de Moraes, para compor a Corte Suprema e transformá-la no tribunal algoz da democracia e dos patriotas brasileiros.

Desde meados de agosto passei a publicar em minha coluna na Gazeta do Povo entrevistas com presos políticos do 8 de janeiro. Esqueça as histórias que você ouviu sobre a manifestação daquela tarde. Os presos, que tiveram o direito de se defender negado pela justiça brasileira, precisam ter voz. O presente e-book conta quatro dessas histórias, de duas pessoas que foram presas nos prédios públicos na

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

tarde do dia 8 e outras duas, presas no acampamento em frente ao QG do Exército em Brasília.

Tatiane Marques, de Santa Maria, nem estava na capital federal na tarde daquele domingo. O ônibus dela ainda não tinha chegado. Quando finalmente entrou na capital federal já era noite, por isso os passageiros optaram por ir direto para o acampamento. A corretora de imóveis gaúcha amanheceu presa junto com todas as demais pessoas que tinham viajado no mesmo ônibus, inclusive quatro irmãs que ela conheceu no trajeto.

O outro preso do QG é um jornalista, ex-repórter de TV, difamado por ex-colegas de trabalho como se fosse bandido. Marcos Vanucci fazia um trabalho independente, colhendo registros para finalizar um livro e um documentário sobre as manifestações que já duravam dois meses, pelo país inteiro, pacíficas. Esteve na praça dos Três Poderes no dia 8, chegou a socorrer pessoas atingidas por balas de borracha (um rapaz que perdeu a ponta do dedo, um idoso atingido no olho...), voltou para o QG porque viu que a situação tinha fugido do contro-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



le e os manifestantes haviam virado alvo da polícia. Amanheceu preso, como a gaúcha de Santa Maria e outras duas mil pessoas de todos os cantos do país, mas só soube que seria conduzido para uma penitenciária depois de ser enganado pela Polícia do Exército, que obrigou todos os acampados a entrarem nos ônibus dizendo que seriam levados para a rodoviária para voltar a suas cidades de origem. Ao longo do dia, a ordem mudou. Marcos e todos os demais presos do dia 9 foram parar num ginásio da Polícia Federal, transformado em campo de concentração à brasileira. Dois dias depois, ao serem levados para os presídios da Papuda e da Colmeia, perceberam que estavam, de fato, presos.

Esse jornalista nunca recebeu voz de prisão. Todos os quatro presos, cujas histórias constam neste e-book estão, no momento, soltos, mas com tornozeleira eletrônica e várias restrições. Gilberto Ackermann, corretor de seguros e cristão, foi condenado a 17 anos de prisão pelo Supremo Tribunal Federal, acusado de liderar os atos violentos, quando o que de fato fez foi testemunhar confrontos e prestar ajuda a vítimas diante dos abusos policiais. Após o

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

ordenamento para os manifestantes se refugiarem no Palácio do Planalto, ele permaneceu ali até ser cercado e preso. Na prisão, sofreu com condições precárias, restrições alimentares agressivas e problemas de saúde. Apesar da falta de provas, enfrentou mais de 200 dias na Penitenciária da Papuda, marcados pela incerteza de processos judiciais sendo desrespeitados.

A última história contada no e-book é a da estudante de Medicina da USP Roberta Brasil, presa no plenário do Senado. As imagens das câmeras internas de segurança, obtidas depois de muita insistência por sua advogada, mostram que, nas horas em que esteve lá, Roberta rezava, de joelhos, ou permanecia sozinha, sentada numa das poltronas.

Por mais distópicas e absurdas que esta e todas as demais prisões sejam, são histórias reais. Num país que solta bandidos a todo momento, e em que o STF devolve até helicóptero para traficante, milhares de inocentes seguem sendo perseguidos, difamados, torturados psicologicamente e punidos exemplarmente. Conhecer a verdade, ouvindo as

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



vítimas do abuso de autoridade supremo, é o mínimo a fazer por cidadãos brasileiros que defendem os direitos humanos. Não seja você um agente de desinformação. Apegar-se à verdade é o primeiro passo para não se deixar manipular.



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

**GAZETA DO POVO**



# CAPÍTULO #01



**MARCOS VANUCCI**

“ENTREM NOS ÔNIBUS!

ENTREM NOS ÔNIBUS!”



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Foram estes os gritos que despertaram Marcos Vanucci na manhã de 9 de janeiro de 2023, dia seguinte ao fatídico 8 de janeiro. Jornalista, com 15 anos de experiência e passagens por várias redações de alguns dos mais prestigiados veículos da imprensa do Brasil, Marcos tinha ido a Brasília no sábado, dia 7. O motivo da viagem era produzir material para finalizar um livro e um documentário a respeito da mobilização nacional por mais transparência nas eleições, que vinha ocorrendo desde 31 de outubro de 2022, dia seguinte ao 2º turno, em frente a quartéis de todo o país. Aquele domingo seria o ápice. Uma grande manifestação havia sido marcada para a Praça dos Três Poderes, em Brasília, onde as pessoas prometiam acampar até que parlamentares, eleitos pelo povo, ouvissem o povo dizia a seus representantes.

Marcos planejara acompanhar essa tentativa final da população em sensibilizar o Congresso para exigir do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) mais transparência acerca do resultado do processo eleitoral. Os manifestantes pediam contagem pública dos votos, com a revelação do código fonte das urnas eletrô-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

nicas, que haviam dado vitória ao candidato Luiz Inácio Lula da Silva, mesmo sem que ele tivesse apoio nas ruas. Condenado por corrupção e lavagem de dinheiro na Operação Lava Jato a mais de 20 anos de cadeia, o ex-presidente acabou solto por uma mudança de entendimento do Supremo Tribunal Federal (STF) acerca da prisão após condenação em 2ª instância. Lula não havia sido inocentado, mas ganhou o direito de responder, em liberdade, aos processos e crimes de que era acusado.

Lula ainda havia recuperado seus direitos políticos por força de uma manobra jurídica do ministro Edson Fachin, indicado anos antes para o STF pela então presidente petista Dilma Rousseff. O ministro entendeu que o foro de 1ª instância em Curitiba (13ª Vara da Justiça Federal), onde Lula havia sido condenado pela primeira vez, não era competente para julgar crimes contra o erário nacional e, sim, Brasília. Isso após anos de investigações da Lava Jato, condenações em 1ª, 2ª e até 3ª instâncias, com análises de vários recursos impetrados pela defesa dos réus, sem que os ministros do STF

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



tivessem percebido a questão do CEP “errado” nos processos.

Na noite anterior à manifestação, o jornalista dormiu no acampamento, uma vez que desencontrou-se do amigo que o hospedaria em Brasília. E para lá voltou após ter estado na praça dos Três Poderes na tarde do dia 8 de janeiro e desistido de documentar a manifestação, quando ela deixou de ser pacífica e virou uma bagunça generalizada, com policiais mirando em manifestantes, atirando balas de borracha e provocando ferimentos graves em muitos que sequer estavam envolvidos em qualquer arruaça.

Ao acordar com os gritos de ordem para que todos entrassem nos ônibus, Marcos quis saber para onde os manifestantes acampados seriam levados. Ainda que justa, a indagação não foi devidamente esclarecida pelo comandante da Polícia Militar, que preferiu responder em tom desafiador: “Vocês não confiam no Exército?” Marcos, assim como a maior parte dos brasileiros, confiava, sim, nas Forças Armadas, tanto que estava acampado em frente a um quartel do Exército, mas tinha o direito de saber

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

para onde seria levado. Diante da intransigência, pensou que seria interessante apresentar-se como jornalista e revelar que estava ali a trabalho. Em vão! Não demorou a perceber que informações obscuras e desconstruídas seriam a tônica do dia.

A verdade é que não havia outra opção a não ser seguir as ordens do comandante, que gritava, repetidamente, para que todos entrassem nos ônibus. A Polícia Militar havia feito um longo cordão de isolamento, a partir do acampamento até os ônibus. Estavam encurralados. Naquela manhã, ainda escura, chamavam a atenção o verde e o amarelo das inúmeras bandeiras amarradas como capas no pescoço das pessoas que deixavam as barracas. Muitas seguiam penduradas nas tendas que, por dois meses, haviam servido de pouso para eleitores inconformados, vindos de todos os cantos do país, fazerem seu protesto pacífico contra um sistema eleitoral obscuro e desacreditado. Muitos já estavam ali havia dois meses, desde o dia seguinte ao 2º turno das eleições de 2022, clamando por maior clareza acerca dos resultados das urnas.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Conforme saíam das barracas, os chamados “patriotas” eram levados aos ônibus. Homens, mulheres, crianças, senhores e senhoras de idade, até um cachorro acabou “sequestrado” pela polícia do Exército, transformada em algoz. Marcos buscou dar conforto emocional a quem já começava a se desesperar com o cenário perturbador que se desenhava. Aflitos, todos os acampados do QG de Brasília acabaram dentro dos ônibus, que ainda percorreriam um longo caminho pelas ruas de Brasília, rodando a esmo para serem filmados por câmeras de TV e exibidos como troféus da polícia, antes de finalmente serem despejados no ginásio da Polícia Federal, imediatamente comparado a um campo de concentração nazista.

“Você não tinha opção de fuga. Você só conseguia sair de lá se você tivesse asas, se você passasse por cima”, lembra Marcos. Além da angústia de não saber o que aconteceria, havia o ameaçador silêncio de policiais armados, com postura intimidatória. Jornalista incansável, Marcos insistiu nas perguntas durante o trajeto, até receber de um dos agentes a primeira pista: iriam para uma quadra.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Seria para uma triagem, um interrogatório, uma identificação para posterior averiguação acerca de algo? Ao chegar, souberam que se tratava do ginásio de treinos esportivos da Polícia Federal. E nada mais foi dito.

Se as autoridades acreditaram, e ainda acreditam, que se tratava de um grupo uniforme, uma “associação criminosa armada”, como dito posteriormente nas denúncias da Procuradoria-Geral da República (PGR) contra os mais de dois mil presos do 8 de Janeiro, a realidade é que cada um daqueles manifestantes tinha um histórico diferente.

Marcos havia chegado no sábado, dia 7; outros estavam lá fazia vários dias, até semanas. Muitos sequer tinham deixado o acampamento rumo à Praça dos Três Poderes, na fatídica tarde de domingo em que o Brasil deixou, de fato, de ser uma democracia, não por causa dos atos que culminaram em vandalismo dentro dos prédios do Congresso, STF e Palácio do Planalto, mas pelas perseguições e prisões arbitrárias e ilegais, pela difamação de pessoas que, conforme a máxima do Direito,

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



deveriam ser consideradas inocentes até prova em contrário, pelo sequestro e manutenção em cativeiro de idosos, famílias inteiras, crianças e até cachorro.

No dia anterior à prisão no acampamento, Marcos acompanhou toda a movimentação dos manifestantes, desde o QG até a praça onde ficam as sedes dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Parte significativa dos acampados havia sido incitada a ir até o Congresso Nacional em pleno domingo, por pessoas claramente infiltradas no acampamento. Nos oito quilômetros de percurso, a pé, Marcos observava e testemunhava cenas que boa parte da imprensa não viu.

“Não houve nenhum tipo de animosidade, as pessoas estavam em paz. No QG, não houve sequer o registro de uma ocorrência policial nos quase 70 dias que as pessoas ocuparam.”

Além disso, na tarde de 8 de janeiro, a Polícia Militar fiscalizou cada um dos manifestantes numa grande barreira montada a cerca de 1,5 quilômetro da

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

rodoviária de Brasília. Neste bloqueio, os agentes realizaram uma cuidadosa revista. Todos tiveram bolsas, pertences e mochilas revistados. Quem carregava a bandeira em hastes foi obrigado a seguir apenas com o tecido. A ordem era seguir sem nada que oferecesse qualquer perigo a quem quer que estivesse na manifestação ou ao patrimônio, que é de todos.

Segundo Marcos, ao chegarem nos arredores do Palácio do Planalto, já era possível observar certa “correria”. Pessoas fugindo, buscando abrigo e se defendendo de ataques, que vinham por terra e também pelo ar. Os manifestantes buscavam, a todo custo, se proteger em árvores e marquises. No alto, era possível observar dois helicópteros, de onde policiais atiravam bombas de “efeito moral” sobre os manifestantes, além de disparar tiros de balas de borracha, ferindo de forma aleatória jovens, adultos e idosos presentes no local.

A partir desse momento o jornalista se deu conta de que não deveria apenas documentar o que acontecia, mas tentar prestar algum socorro aos feridos.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



“Eu cheguei a socorrer pelo menos três pessoas com ferimentos graves. Vi pessoas com tiro no olho, com tiro na boca.” Balas de borracha eram disparadas, causando dores intensas. Havia também uma bala que atingia o corpo e abria um ferimento. “Como se fosse a coroa do abacaxi”, descreve.

O cenário da tentativa forçada de desmobilizar manifestantes até então pacíficos começava a se desenhar. O que era para ser um mero protesto contra um sistema eleitoral opaco e pouco confiável tornou-se praticamente uma guerra civil, com a diferença de que não era fácil perceber quem estava a favor da transparência e quem se infiltrara lá para dar a entender que os patriotas haviam decidido nada, promover um quebra-quebra nos prédios públicos.

Logo já se falava que algo entre 100 e 150 manifestantes haviam entrado nos prédios. Grupos de WhatsApp compartilhavam os primeiros vídeos de vândalos, ou seja, aqueles que, efetivamente, teriam praticado crimes contra o patrimônio público. Do lado de fora, milhares de pessoas, como Marcos,

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

sofriam com a ardência insuportável do gás de pimenta e com o sufocante efeito do gás lacrimogêneo. O local, amplo e aberto, fazia com que os gases se propagassem mais facilmente.

Marcos lembra que a maioria dos manifestantes era de pessoas mais velhas, acima dos 50 anos. A imagem do senhor, ou senhora, de cabelos brancos e andar lento, com uma bandeira do Brasil nas costas, era a que mais caracterizava aquele imenso grupo que se reuniu na Praça dos Três Poderes. A fragilidade dos manifestantes, porém, não foi impeditivo para as forças de segurança continuarem a agir, cada vez com mais intensidade.

Depois que os vídeos começaram a circular, Marcos observou o primeiro sinal de que parecia haver uma “orquestração” contra os patriotas. Muitos eram convidados a entrar no Congresso ou no Palácio do Planalto, que estavam de portas abertas, para se proteger das bombas e tiros. Nos grupos de WhatsApp já havia alertas de que os manifestantes que entrassem nos prédios seriam presos.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Após meses desde a prisão e outros tantos desde a liberação para voltar para casa, mediante o uso de tornozeleira eletrônica, proibição de viajar, passaporte retido e várias outras restrições, o ex-repórter de televisão esforça-se para juntar lembranças a fim de tentar compreender o que aconteceu.

Ele recorda que, no QG, havia uma clara divisão entre manifestantes “pacíficos” e outros, a quem chamou de “incitadores”. Enquanto alguns gritavam por transparência e justiça, outros clamavam pelo confronto direto e violento. “Vamos invadir”, ouviu certo manifestante bradar na primeira noite no acampamento, antes do fatídico 8 de Janeiro.

As manifestações em frente aos quartéis haviam sido, desde o início, apartidárias. A bandeira brasileira sempre esteve acima de quaisquer agremiações, partidos ou mesmo candidatos – inclusive de Jair Bolsonaro, o escolhido por absolutamente todos que, num primeiro momento, foram às ruas já no dia seguinte ao anúncio do resultado das urnas protestar por mais transparência no sistema eleitoral.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

O que se observa em muitos vídeos gravados no dia 8 de janeiro, porém, é que os vândalos usavam camisas com a estampa do rosto do ex-presidente, sendo o mais famoso deles o rapaz que derrubou um móvel antigo com um relógio no Palácio do Planalto.

Vídeos mostram, também, pessoas com bandeiras da CUT, a Central Única dos Trabalhadores, camisas do Partido dos Trabalhadores, o PT, e bonés do MST, o Movimento dos Sem Terra. Há flagrantes em vídeo destas pessoas quebrando vidros de janelas nos andares inferiores do Congresso Nacional, inclusive com manifestantes de verde e amarelo apontando os verdadeiros vândalos e dizendo: “Não somos nós que estamos quebrando, olha quem é!”

Marcos é categórico ao afirmar que os vândalos não estavam junto aos manifestantes no acampamento. Provavelmente estavam hospedados em hotéis de Brasília e cidades vizinhas. A lista de hóspedes dos hotéis, até onde se sabe, jamais foi investigada pela polícia.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Segundo o jornalista Marcos Vanucci, havia uma “comunicação muito efetiva” entre as pessoas do QG e aquelas que acompanhavam a manifestação em outras cidades. Ele relata que surgiu uma suspeita de que um ônibus infiltrado estaria se aproximando, vindo de São José dos Campos (SP), ainda no dia 7.

Soube até dos traços físicos de um dos passageiros, que usava roupas absolutamente destoantes daquelas usadas pelos manifestantes. O tal homem vestia preto da cabeça aos pés e tinha o número 13, do PT e do presidente eleito pelas urnas eletrônicas, tatuado no pescoço. Essa é uma característica facilmente identificável pela polícia. Aparentemente, o tatuado jamais foi incomodado pelos investigadores da chamada “Operação Lesa Pátria” (a conhecida “polícia do Flávio Dino”, então ministro da Justiça), que após o 8 de janeiro passou a aterrorizar toda e qualquer pessoa que tenha estado em manifestações em frente a quartéis após o 2º turno das eleições.

Além disso, nos grupos, eram conhecidos até o

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

modelo do ônibus e horário de chegada. Assim, quando o veículo chegou de São José dos Campos, foi abordado imediatamente. “Ele (o passageiro suspeito) sequer conseguiu colocar os pés no chão do QG”, diz Marcos. Os manifestantes, determinados, o encontraram imediatamente: “A gente já sabe com qual objetivo você está aqui”. O homem negou a acusação e uma menina, astutamente, pediu que ele abrisse suas redes sociais, as quais certamente entregariam suas posições políticas. Adivinhe? O fulano não aceitou o desafio de mostrar como se manifestava virtualmente, deixando claro para todos que patriota não era.

Na entrevista que gravei com Marcos Vannucci, essas e outras tantas contradições ao discurso oficial do governo Lula de “terrorismo e golpismo” ficam evidentes. O jornalista ressalta, por exemplo, a frase do general Gustavo Henrique Dutra em depoimento à CPMI do 8 de janeiro, meses depois, durante as investigações feitas pelo Parlamento brasileiro. Em 18 de maio de 2023, Dutra disse que admirava a “inteligência emocional” do presidente Lula. O general comandou as operações do Exército no dia

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



8 de janeiro e, ao falar a deputados e senadores da CPMI, chegou a elogiar o líder petista. No mesmo depoimento, disse também ter avisado os manifestantes de que seriam presos. Marcos é enfático na entrevista: “Ninguém foi avisado que seria preso. Então, eu estou desmentindo o general Dutra aqui, publicamente”.

Ao sair do QG, após horas rodando por Brasília nos ônibus de linha, sem banheiro, no calor do verão do planalto central, os manifestantes retirados do acampamento foram levados a um batalhão da Polícia Militar, onde ficaram por volta de uma hora e meia, período em que a incerteza só aumentou. Com a desculpa de que precisava ir ao banheiro, o jornalista conseguiu descer do ônibus e descobrir que a ordem inicial era a de levá-los à rodoviária, identificar uma a um e liberá-los para voltarem a suas cidades de origem. Não foi o que aconteceu.

“Por que essas pessoas estão aqui, se elas seriam liberadas?”, indagou um comandante a outros policiais envolvidos na operação que sequestrou os acampados do QG de Brasília. A dúvida, explícita-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

da naquele momento, deixou claro que, ao longo das horas em que os ônibus circularam sem destino por Brasília, com centenas de manifestantes a bordo, a ordem havia sido mudada. Não se sabe por que, nem por quem, mas isso, de fato, ocorreu.

É certo que o coronel Jorge Eduardo Naime, um dos responsáveis pela operação da Polícia Militar para conter manifestantes exaltados no dia 8 de janeiro, poderia esclarecer quem estava por trás da mudança que transformou manifestantes acampados, retirados do QG para voltarem para casa, em presidiários. O próprio Naime acabou sendo preso em 7 de fevereiro por suposta conivência com os manifestantes. Desconsideraram que, na data do protesto que virou baderna, o coronel estava de férias. Só compareceu ao serviço a pedido do assessor do governador Ibaneis Rocha, que alegava precisar da experiência de Naime em grandes operações policiais para tentar controlar a situação que já se desenrolava na Praça dos Três Poderes.

Marcos Vanucci acredita que um dos motivos do desgastante “tour” pela cidade era expor os presos

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



à imprensa. Fazer os ônibus circularem bastante pelas ruas era uma forma de demonstrar uma pronta e efetiva ação das autoridades contra supostos baderneiros, inconformados com o presidente declarado eleito pelo TSE em 30 de outubro de 2022.

No trajeto por Brasília, os ônibus pararam em vários órgãos de segurança, mas nem todos os manifestantes presos foram autorizados a descer para ir ao banheiro, até porque, não havia estrutura com capacidade para atender a centenas de pessoas ao mesmo tempo. Muitos acabaram urinando nas próprias calças. Houve quem passasse mal diante do calor, da falta de água e de alimentos. Um senhor desmaiou. Tentaram acordá-lo e, diante da falta de reação, quando já estava roxo, foi carregado para fora do ônibus.

No caminho, pararam no 25º Distrito Policial para fazer exame de corpo de delito. Aqui o relato ganha fôlego. Marcos diz que foram recebidos pelos policiais civis “muitíssimo bem”. Foram, inclusive, aplaudidos por alguns dos que estavam trabalhando naquele dia. Até lanche e água lhes foi oferecido.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Isso demonstra que nem todos os agentes de segurança pública foram insensíveis ou violentos. Alguns tratavam os manifestantes com dignidade, como se espera de agentes públicos diante de pessoas sobre as quais, até então, não pesava qualquer acusação. Cansado, sem respostas e já consciente da injustiça de que estavam sendo vítimas, Marcos rendeu-se ao choro. Foi de um delegado que vieram palavras de apoio e conforto. “Calma, rapaz. Vai dar tudo certo”. A frase ainda reverbera no inconsciente do jornalista e o ajuda a manter viva a esperança de que a Justiça, um dia, seja restabelecida no Brasil.

Depois de quase duas horas rodando por Brasília, os ônibus com os sequestrados do QG chegaram ao ginásio da Polícia Federal, onde foram “despejados, como se fossem gado”. Marcos tinha sido preso às 8h da manhã e só às 17h30 conseguiu sua primeira refeição do dia. O banheiro da quadra estava imundo. Ao entrar, as pessoas molhavam seus sapatos no chão encharcado. Lama, vasos entupidos e a mais completa insalubridade.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



O relato chega ao momento mais aterrorizante quando Marcos fala da “Papuda”, a sinistra abreviação do Complexo Penitenciário de Brasília. Um presídio de segurança máxima, que abriga criminosos de alta periculosidade, como chefes de facção, fugitivos perigosos, sequestradores e, a partir daquele dia, também cidadãos comuns, como Marcos. No caso dele, foram 70 dias na condição de um preso sem julgamento. Até mesmo a audiência de custódia, que por lei deveria ser realizada no máximo 24 horas após a prisão, demorou 20 dias para acontecer.

Ao chegar ao presídio, o jornalista, assim como os demais presos, desceram do ônibus, carregando suas próprias malas. Àquela altura, Marcos estava já com o estado emocional bastante alterado, tanto física quanto psicológica. Naquele dia chovia muito, o que deixava o ambiente ainda mais sombrio. No primeiro corredor de acesso à Papuda foi agredido por um agente penitenciário. Levou um soco no ombro sem a menor explicação. Todos os presos foram levados a uma quadra, onde, souberam mais tarde, seria o lugar do famoso “banho de sol”.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Sentados no chão, ficaram enfileirados, de pernas abertas. Para se ajeitarem conforme queriam os agentes penitenciários, era preciso que cada um se posicionasse entre as pernas de quem estava atrás, pressionando as costas na barriga do colega. Os agentes instruíam de forma hostil e agressiva. Os manifestantes tinham que cobrir o rosto e ao mesmo tempo, segurar suas bolsas. A posição na qual eram obrigados a sentar, de extremo desconforto, causou câimbras nas coxas. E as humilhações estavam apenas começando.

Para ajudar no trabalho dos agentes, presos comuns, vestindo camisetas vermelhas, foram orientados a identificar as bolsas de cada manifestante. Do pátio onde estavam, foram encaminhados para um largo corredor, de 30 a 40 metros, onde Marcos diz ter vivido a “pior experiência da vida”.

Os policiais se posicionaram de frente para os manifestantes e a ordem foi clara: “Tirem a roupa”. Marcos e os demais sequestrados do acampamento, jovens, adultos de meia idade, idosos, todos foram obrigados a ficar nus. As roupas ficaram no

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



chão, que estava molhado. A próxima ordem foi para que virassem de costas e se agachassem, de quatro. A cena era digna de pesadelo. Homens, dentre eles vários senhores, prostrados como animais sendo levados para o abate. Depois desse momento constrangedor e degradante, puderam vestir apenas a cueca e caminhar até as celas. Os pés, descalços, tocavam o chão gelado. Não havia qualquer sinal de esperança ou justiça.

Marcos foi o 22º a entrar em uma cela em que cabiam apenas oito. Os lugares “privilegiados” já estavam todos ocupados. A ele, restou um minúsculo pedaço de chão ao lado do vaso sanitário, próximo ao lixo. Ali permaneceu por longos 70 dias. Sem rodízio ou qualquer negociação, naquele quarto cinzento e escuro imperava a “lei da selva”. Para além do ambiente sufocante, era difícil também o convívio entre pessoas que não se conheciam. Por mais que estivessem unidos por ideais semelhantes, sequer sabiam os nomes uns dos outros. “As pessoas estavam psicologicamente muito abaladas, então qualquer conversa era motivo para briga, para discussão.”

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Não havia privacidade. Para conseguir se preservar e manter um pouco de dignidade, tiveram de improvisar o que ele chamou de uma “cortina”. Tratava-se, na verdade, de um pedaço de plástico que encontraram no chão, rasgaram e penduraram naquele canto para dar ares de “banheiro”. Ainda assim, quem passasse pelo corredor poderia facilmente vê-los usando o vaso ou tomando banho. A água do banho, a propósito, era sempre gelada.

O jornalista emagreceu 11 quilos no período em que esteve na Papuda. Por 60 dias permaneceu com a mesma roupa no corpo. Além de todas as condições degradantes, não havia qualquer informação sobre o que acontecia do lado de fora. Apenas quando os advogados começaram a procurá-los puderam saber um pouco mais da vida, que seguia fora da prisão.

O tratamento dos agentes era sempre em tom ameaçador. Quem não obedecesse era levado para uma cela isolada ou levaria anotações no prontuário, causando aumento de pena. Através de vãos nas paredes, todos os presos do 8 de janeiro eram

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



frequentemente obrigados a tirar sangue e abaixar as calças para tomar injeções. Pelos mesmos vãos era jogado o lixo da cela. Tudo à vista de quem passasse nos corredores. Não havia um ambulatório para atendimentos médicos ou qualquer espaço adequado para atendimentos de saúde com um mínimo de privacidade. Difícil manter a sanidade em ambiente tão hostil.

Para agravar a situação, poucos dias depois da chegada de Marcos à cela, entrou um preso, chamado Gilmar, que disse estar com Covid-19. O jornalista buscou mais informações com os agentes e ouviu deles que “os protocolos seriam seguidos”, sem quaisquer especificações a respeito do teor de tais protocolos. Dois dias depois, agentes colheram sangue de todos os presos da cela. Apenas um dos resultados foi positivo. Ainda assim, a cela ganhou um cartaz onde estava escrito “isolada por Covid”, o que causou o terror das celas vizinhas.

Gilmar, no entanto, o suposto contaminado por coronavírus, circulava livremente, enquanto os

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

outros presos da cela ficaram ali dentro por 15 dias, sem poder sequer tomar banho de sol. Se é que havia regras para se evitar transmissões do vírus na cadeia, este era o “protocolo”. Dias depois, Gilmar foi para outra cela e a mesma ficou isolada por apenas três dias. Porém, neste caso, todos podiam sair para tomar banho de sol, o que escancarava que o tal “protocolo” não existia. Este foi apenas mais um exemplo do descaso que imperou no atendimento aos presos políticos do 8 de janeiro.

Neste ano de 2023, havia 1,5 mil presos na Papuda e uma única médica. “Se você passasse mal, você ia continuar passando mal”, conta. Ele chama de “hospício” o ambiente, em que, de noite, ouvia-se gritos de “socorro”, junto com fortes batidas nas portas de aço, perturbando o sono dos que conseguiam dormir. Para atender a esses pedidos desesperados, os agentes caminhavam devagar, sem o menor senso de urgência.

A comida, para Marcos, era uma “lavagem”, ou seja, aquela que, para além das grades, seria desti-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



nada a porcos. Escassos grãos de feijão, possíveis de contar nos dedos. Verduras e legumes, quando apareciam, eram sempre com casca. Frequentemente encontravam objetos não comestíveis, como fios de cabelo, dentes de porco e até cacos de vidro. Sem tempero algum, era quase impossível comer aquela comida, ainda que o estômago roncasse de fome. O único motivo que os forçava a ingerir aquilo era o medo de ficar doente. Pois, assim, a situação só pioraria. “Era um cenário de real terror, Cristina. Não existe outra palavra que eu consiga identificar”, disse Marcos na entrevista que gravamos para a minha coluna na Gazeta do Povo.

Muitos presos comuns, condenados por terem, de fato, cometido crimes, realizavam atividades externas às celas, como entregar livros para outros detentos. Foi assim que Marcos ficou sabendo que, com a chegada dos manifestantes, o tratamento aos presos da Papuda havia melhorado infinitamente. Há anos, por exemplo, não aparecia uma autoridade por lá. E eis que, de repente, até os ministros do STF, Alexandre de Moraes e Rosa Weber, visitaram a “Colmeia”, o presídio feminino. Já Marcos e os

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

outros presos receberam os senadores Eduardo Girão, do Partido Novo, e Magno Malta, do PL. Na ocasião, um preso foi escolhido como porta-voz e denunciou todos os abusos sofridos, especialmente os maus tratos, a péssima qualidade da comida e a falta de assistência médica. No dia seguinte, Marcos contou que houve uma “certa melhora na comida”. Por outro lado, aquele porta-voz começou a receber olhares ameaçadores de alguns agentes.

A partir das visitas dos parlamentares, começaram a expedir os primeiros alvarás de soltura de presos políticos do 8/01, mas até esse processo caracterizava tortura psicológica para os presos que seguiam encarcerados. Depois que alguns alcançavam a tão desejada liberdade, vinham longos períodos, de pelo menos 15 dias, sem que ninguém fosse solto. Estava claro que não havia qualquer critério nesse processo.

Apesar dos incontáveis exemplos de abuso por parte de agentes penitenciários perversos, havia também os “anjos”, que viam o absurdo de toda aquela situa-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



ção e não aceitavam fazer parte do sistema da “vingança”. Alguns desses agentes dispensaram tratamento exemplar aos presos do 8 de janeiro (e também aos que foram presos em frente ao QG do Exército, no bairro Tarumã, em Curitiba). Eles afirmavam, inclusive, que os manifestantes eram “presos políticos”, além de reconhecerem não causavam problema algum na rotina do presídio. Poderiam deixar todos no pátio, com a certeza de que não causariam preocupações. Ainda que estivessem em um presídio de segurança máxima, certamente nenhum deles poderia ser acusado de ser violento.

As memórias daquele 8 de janeiro ainda são obscuras, mas uma surge no relato de Marcos com precisão de detalhes. No meio daquela tarde, na Praça dos Três Poderes, quando já havia iniciado um princípio de confusão, Marcos, assim como outros manifestantes, viu na janela do Palácio da Justiça uma figura que viria a se tornar peça-chave do governo Lula: o ministro da Justiça e Segurança Pública, Flávio Dino. De terno preto e gravata vermelha, Dino andava impaciente em sua sala, junto de

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

outras pessoas. Ao observar que tinha sido identificado por manifestantes, afastou-se da janela. Relatos posteriores dão conta de que, junto dele, estava a vice-governadora do Distrito Federal, Celina Leão. O que ela estaria fazendo lá? Uma indagação, que esperava-se que a CPMI do 8 de Janeiro respondesse, obviamente, ficou sem resposta. Celina Leão tornou-se governadora em exercício já no dia seguinte, com o afastamento do governador Ibaneis Rocha por decisão do ministro Alexandre de Moraes.

Quando questionado a respeito do relacionamento com pessoas que efetivamente vandalizaram prédios públicos, Marcos lamenta não saber responder. Nos 70 dias que passou aprisionado na Papuda, não soube de um único preso que houvesse, de fato, praticado qualquer ato de vandalismo em prédio público. O jornalista diz saber delas o mesmo que nós aqui fora sabemos, ou seja, já viu inúmeras imagens que circularam amplamente na internet mostrando um homem com a estampa do rosto do presidente Bolsonaro no peito, quebrando um relógio dentro do Palácio do Planalto, mas também outros com o rosto de Lula na camisa vermelha, boné do

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



MST, bandeira da CUT, quebrando vidraças do Congresso. Marcos consegue lembrar de um único nome: Ana Priscila Azevedo. Embora tenha sido apontada como líder de “bolsonaristas” teria chamado o ex-presidente de “Bozo” em um vídeo e até dito que ele merecia a morte.

Priscila foi personagem central no dia 8 de janeiro. Tinha realmente postura de líder de manifestação. Administrava um grupo de Telegram, onde conclamava os seguidores a “colapsar o sistema”. Foi presa dois dias depois da baderna nos prédios públicos de Brasília, na cidade de Luiziana (GO). Até onde se sabe, ficou presa em uma cela isolada, sem que houvesse explicações para não permanecer junto às demais presas da Colmeia. Nada tira da cabeça de Marcos de que houve facilitação por parte de membros do governo para que a ativista entrasse no prédio e promovesse a quebradeira.

Outro citado por Marcos é Leonardo Grangeiro. Leonardo foi destaque na capa do site da CNN, ainda no dia das manifestações. Ele mora a oito minutos do Planalto e fazia um churrasco com um amigo.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Ao receber as imagens do que estava acontecendo no momento dos ataques, através do WhatsApp, pegou o carro e foi até o local para fazer algumas imagens. Subiu a rampa, ajoelhou-se com a bandeira do Brasil e tomou dois tiros. Um nas costas e outro na coxa. Sem sequer entrar em qualquer dos prédios públicos, foi algemado, arrastado para a fila de supostos vândalos que já se formava junto aos policiais e está preso até hoje, sem ter cometido crime algum.

Marcos está livre, mas com tornozeleira eletrônica e tamanha quantidade de restrições, que torna impossível a volta ao trabalho a qualquer normalidade no relacionamento com pessoas. O direito de ir e vir é limitado, está impedido de sair de casa nos fins de semana e, em dias úteis, só pode circular das 6h às 19h. Para resolver a situação, a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e o Ministério Público Federal (MPF) ofereceram um acordo de não persecução penal, que obriga os presos a confessarem crimes que não cometeram.

“Acordo” é, portanto, apenas um nome convidati-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



vo para uma verdadeira “confissão de culpa”, considera o jornalista. Trata-se efetivamente de uma chantagem partindo de uma parte mais forte contra a mais fraca. Enquanto o sistema judicial é usado para perseguir inocentes, falha em localizar os black blocs que verdadeiramente vandalizaram os prédios sede dos poderes Legislativo, Executivo e Judiciário. Já os manifestantes presos estão enfrentando dificuldades financeiras extremas, muitos deles já com ordens de despejo decretadas. Sem alternativa, correm o risco de morar na rua. Em seu relato, Marcos lembra o caso de um colega de cela que, após ser liberado da prisão, viveu o desespero de ter a energia de casa cortada por falta de pagamento, ficando impedido até de carregar a tornozeleira eletrônica. Não fosse a ajuda de doações para pagar as contas atrasadas e recarregar a tornozeleira, o equipamento teria apitado e ele correria o risco de ter que voltar para a prisão.

Aqueles dias na Papuda terminaram, mas o trauma psicológico é uma dolorosa consequência que levará tempo para curar se é que um dia, será. A essa altura, é preciso escolher as palavras certas para

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

não ser mal interpretado e novamente acusado do que não fez. O medo é flagrante em cada hesitação da fala do jornalista, mas Marcos não desiste da busca pela verdade. Como bom jornalista, segue no seu encaço, acreditando que, um dia, o Brasil conhecerá quem de fato planejou e executou os atos de 8 de janeiro, com qual intuito e a mando de quem, bem como os omissos, coniventes e beneficiados pelo “golpe” que só existe na cabeça dos tiranos de plantão.

“Tenho certeza de que a nossa voz vai reverberar e a verdade vai prevalecer, acima de tudo. Deus está conosco.”



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

**GAZETA DO POVO**



## CAPÍTULO #02

**TATIANE MARQUES**

“O SOM DAS HÉLICES  
NUNCA MAIS SERÁ O MESMO.”



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



A cidade de Santa Maria, no Rio Grande do Sul, tem pouco menos de 300 mil habitantes. Mesmo assim, é conhecida por abrigar o 2º maior contingente militar do Brasil, ficando atrás apenas do Rio de Janeiro. Na “Cidade dos Quarteis”, os habitantes precisam se acostumar a, por exemplo, treinamentos da base aérea, em que o som das hélices de helicópteros são ouvidos em boa parte da cidade. Tatiane Marques, desde aquele 8 de janeiro, nunca mais se acostumou.

Só após meses daquele dia que ela decidiu “**transformar o medo em coragem**”, como ela mesma define. E falou pela primeira vez com um profissional de jornalismo. O seu medo era justificado. O relato do horror que viveu nos 4 meses em que ficou presa, sem julgamento, na “Colmeia”, a Penitenciária Estadual Feminina do Distrito Federal (PFDF), é impressionante.

Tatiane é administradora de empresas e chegou em Brasília no domingo, perto das 19h. Conta que sequer esteve na Praça dos Três Poderes no momento em que vândalos entraram no Palácio do Planalto.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Depois de se instalar no acampamento dos manifestantes, notou que a situação começou a se agravar. Aqueles que foram para reivindicar eleições mais transparentes voltaram feridos, como em um cenário de guerra. Também se iniciaram as acusações de “cilada” e “armadilha”. E as primeiras desconfianças de que havia infiltrados começaram a aparecer.

De noite, Tatiane foi tentar dormir ou, pelo menos, fechar os olhos e esperar pelo dia seguinte. Porém, à noite, os helicópteros do Exército sobrevoaram o acampamento e não foi possível descansar nem por um segundo. Por causa disso, Tatiana desenvolveu um estresse pós-traumático e quando uma hélice começa a girar próximo a ela, é como se revivesse aquele terror.

Após a agitada madrugada, consumida entre a necessidade de dormir e de permanecer vigilante, Tatiane acordou de manhã com outra surpresa. Era perto das 6h e a ordem era entrar nos ônibus. **“Dormimos achando que o Exército estava nos protegendo, quando na verdade estavam se organizando para fazer a maior prisão em massa do**

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

**mun**do”, rememora.

A afirmação de que não estava no momento dos atos é facilmente provada, segundo ela. O ônibus em que viajou chegou a Brasília no domingo à noite. O tacógrafo, dispositivo que mede a distância percorrida por veículos, foi disponibilizado e demonstra o percurso de mais de 1,5 mil quilômetros entre o estado gaúcho e a capital federal. Essa particularidade do caso de Tatiana foi simplesmente ignorada.

Vale lembrar que, antes mesmo do domingo, ocorreram diversas blitzes em ônibus de manifestantes, no Brasil inteiro. Tatiane passou por uma também, pouco antes de chegar em São Paulo. A Polícia Rodoviária Federal pediu que todos os passageiros descessem do ônibus e se posicionassem diante de ferozes cães farejadores. Nada foi encontrado. Todos foram liberados e ela lembra que um dos policiais até brincou: “Vocês não têm nem uma faca para descascar laranja”. Gaúcha que honra suas tradições, Tatiana acrescenta: **“A única bomba que tinha comigo era**

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



**a bomba do meu chimarrão”.**

E estas eram as características da maior parte das pessoas que estavam naquele dia entre os manifestantes. Pessoas simples e comuns, que pagaram suas próprias passagens, com ou sem ajuda, mas nunca com financiamento. **“Como sempre foram as manifestações da direita: pacíficas, ordeiras, limpas”**, afirma Tatiane. E em um ambiente tranquilo, já que o acampamento era **“um brinco de limpeza”**, nas palavras dela. Porém, os julgamentos concluíram que essas pessoas foram incitadoras de violência e queriam abolir o Estado Democrático de Direito.

A única “arma” de Tatiane era a câmera do seu celular. Com ela, registrou o máximo que pôde naquele dia, compartilhando posteriormente em grupos de WhatsApp. Os vídeos acabavam por ser pedidos de socorro. Chama a atenção um dos primeiros, em que, na manhã das primeiras prisões, um oficial do Exército anuncia em um megafone:

“Na parte de trás dos senhores existem alguns

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

ônibus, onde todos deverão ser encaminhados. Como estão vendo, o local está cercado. Não queremos confronto. Estamos dando um prazo de uma hora, para que todos entrem nos ônibus e saiam em paz.”

**“Foi o que as ovelhinhas fizeram”**, diz Tatiane. E, definitivamente, ninguém “saiu em paz” depois de tudo aquilo. Era só o começo de uma longa viagem por Brasília que, no caso dela, durou das 8h às 13h30.

Não deram água nem comida. Sequer banheiro havia para aqueles passageiros prisioneiros. Era um verdadeiro cárcere em quatro rodas. Dentre os presos, havia crianças, cachorros, um ambulante que vendia água para os manifestantes, um morador de rua que ia ao acampamento para pedir comida e até um motorista de Uber que foi apenas deixar um passageiro por lá. **“Surreal”**, na precisa definição de Tatiane.

Então, às 13h30 eles chegam na academia da Polícia Federal e todos são, novamente, revistados. E,

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



novamente, nada é encontrado. Nos vídeos deste momento, é possível perceber Tatiane cada vez mais revoltada, o que é bem compreensível. Afinal, até o momento, ninguém tinha se dado ao trabalho de explicar o que estava ocorrendo. Ela apenas sabia de uma coisa: **“O Exército nos virou as costas”**.

Os manifestantes são enfileirados e a fila que se forma é longa. Tatiane diz que o ginásio não teria capacidade suficiente. Realmente, eram milhares de manifestantes, para um ginásio onde deveria caber centenas. Muitos, lá dentro, já passavam mal, ela conta. Tatiane agora implora por ajuda a setores que poderiam servir de apoio, como o agronegócio e os caminhoneiros.

Até este momento, ela ainda tinha esperança de que passaria por uma triagem e seria liberada, como prometeu aquele oficial do Exército no começo. Porém, já desconfiava de outro cenário, ao notar que impedia os manifestantes de sair do local. As injustificáveis restrições à liberdade ganharam outro capítulo.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Somente às 17h teve sua primeira refeição que, como ela diz, foi um **“café, um almoço e uma janta”**. Soube, mais tarde, que aquela era a mesma marmitta dos presos. Mesmo assim, tiveram que comer pois a fome era, naquela hora, muito mais importante do que o paladar.

A informação definitiva, e provavelmente já esperada, veio somente no dia 10, ou seja, na terça-feira, na parte da tarde. Tatiane foi, finalmente, comunicada por um agente de que estava presa e sua primeira reação foi ligar para o pai. Só quando verbalizou **“pai, estou presa”** foi que se deu conta de sua real situação. Disse ainda que teria que entregar o celular e ali terminou a ligação, que jamais aquele pai e aquela filha imaginavam ter. Coube a ele, lá do Rio Grande do Sul, providenciar um advogado. A situação era semelhante à de outros manifestantes. A maioria veio de outras regiões do país e encontrar advogados, a distância, adiou ainda mais a defesa, já bastante difícil.

É no dia seguinte, pela manhã, que Tatiane chega na Penitenciária Estadual Feminina do Distrito

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Federal, também conhecida como “Colmeia”. Há um novo processo de triagem e revista, como se as forças de segurança quisessem desesperadamente encontrar algo que provasse suas convicções.

A Colmeia, como muitas das penitenciárias do Brasil, enfrenta problemas de superlotação. No dia em que manifestantes chegaram, resolveram adotar uma ação paliativa para isso. Assim, as presas comuns, portanto já condenadas, saíram para que as vagas fossem ocupadas pelas manifestantes. Não bastasse a humilhação de terem que ocupar o lugar de criminosas, ainda tiveram que ouvir piadas delas, quando se cruzaram.

Foram separadas todas as roupas, bem como pertences de valor, cartão e dinheiro, e todos guardados posteriormente em um cofre. Muitos desses objetos foram perdidos e Tatiane, por sorte, conseguiu recuperar os seus. Os 4 meses na Colmeia são um testemunho impactante de uma injustiça que deixou marcas até hoje. É com muita coragem que ela consegue expressar um pouco da dor que passou em todos aqueles dias.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

É possível imaginar que, se alguém cometeu um crime e foi punido, pelo menos, depois da revolta inicial, venha talvez um momento de reflexão e, quem sabe, até de arrependimento. Bastante diferente é a situação dos manifestantes, que sequer sabiam que crimes tinham cometido. Aqui, só haverá, para sempre, revolta.

A primeira humilhação foi no começo, quando tiveram que tirar as roupas e se viram obrigadas a ficar nuas na frente de agentes. Tatiane lembra que algumas manifestantes ainda estavam menstruadas, o que só piorava a situação de vulnerabilidade e de vergonha. Agacharam-se por três vezes, e cada repetição era um desnecessário sofrimento a mais.

Cada uma ganhou camiseta e bermuda, algumas também chinelo. Porém, a maioria teve que ficar descalça. Sem nenhuma roupa branca – a única cor permitida no local – Tatiane teve que ficar com a mesma roupa por 10 dias.

O banho ela tomava como podia e, sem uma toalha, se secava com uma das camisetas. As advogadas

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



das manifestantes mandavam, de vez em quando, um kit de higiene. Por um ato de generosidade de uma delas, Tatiane conseguiu uma toalha e, após 7 dias, conseguiu tomar banho um pouco mais “decentemente”, digamos. **“Detalhe: na cadeia é banho frio, gelado”**, lembra. E sem privacidade, pois o vaso e chuveiro ficavam abertos.

Tatiane descreve que a cela em que ficou tinha 8 camas, para um total de 13 mulheres. Foi obrigada a dormir no chão, em um colchão improvisado, com a cabeça praticamente no vaso sanitário. Assim viveu – ou sobreviveu – por 4 meses.

Ela lembra que havia na cela muitas idosas e viu uma triste coincidência: uma família de 4 irmãs. **“Pessoas que nunca haviam chegado perto de uma delegacia”**, lamenta. Até conseguirem sair para o banho de sol, vários dias passaram. Isso porque as agentes foram pegas de surpresa com este novo e inesperado contingente de cerca de 1,2 mil pessoas.

Tatiane passou as primeiras duas semanas em uma

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

cela comum e, depois, foi deslocada para outro prédio. Liberaram as alas de lactantes e gestantes, onde as manifestantes permaneceram mais um período. Aqui, os quartos eram compostos de treliças. Porém, eles não tinham estrados, ou qualquer tipo de suporte, para que pudessem se deitar com segurança. De novo, restou a elas improvisar. Conseguiram pegar os plásticos dos colchões e emendá-los para que fosse possível dormir ali. O lugar foi destinado a algumas idosas e a maioria ficou mesmo no chão.

Em relação à alimentação, ela diz que não havia ao menos uma colher. Assim, elas tinham que dobrar a tampa de alumínio para conseguir levar o alimento até a boca. Muitas acabavam comendo com a mão. A “feijoada” vinha com pedaços do couro do porco, ainda com os pêlos do animal. Cacos de vidro, plástico, arroz mofado com gosto de terra e uma carne que parecia de soja complementavam aquele prato nauseante. Como muitos presos, ela chamava aquilo de “lavagem”. “Lavagem” que, segundo a ex-ministra Rosa Weber, seu colega Alexandre de

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Moraes teria comido não uma, mas duas vezes.

De vez em quando, elas recebiam visitas da Comissão de Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, a OAB, que fiscalizava as condições do local. Porém, Tatiane conta que era apenas uma burocracia, servindo ao preenchimento de um relatório, sem qualquer finalidade. Nenhuma mudança de fato ocorria. A superlotação, a comida precária, o sofrimento psicológico e físico continuavam.

Na visita de Alexandre de Moraes e de Rosa Weber, ainda ministra do Supremo Tribunal Federal à época, Tatiane foi escolhida para ser a liderança das presas, responsável por dialogar com o ministro. Moraes iniciou sua fala explicando a diferença entre crime de natureza grave e crime de natureza leve. Os primeiros seriam aqueles relacionados à depredação dos prédios públicos e os últimos, os que diziam respeito à simples entrada nos prédios. Porém, a situação de Tatiane não se encaixava em nenhum deles: **“Tudo bem. Mas e eu? Eu faço parte das pessoas que nem estavam em Brasília no momento dos atos”**, disse ao ministro. Na entrevista, com a voz embargada,

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

em um misto de tristeza e revolta, ela conta que o ministro olhou nos olhos dela e prometeu: “Não se preocupe. Estes com certeza serão todos absolvidos”.

Dentre as várias torturas psicológicas e físicas, uma delas era ficar no sol do meio-dia para fazer a posição de “confere”. As prisioneiras tinham que cruzar as pernas no chão, unir as duas mãos atrás do pescoço e baixar a cabeça. O movimento era desgastante, especialmente para idosas, que ainda tinham problemas de coluna. E isso por 20 minutos diários, sob o sol forte de Brasília no verão.

Antes de ser solta, ocorreram várias “levas”, sem critério algum. Mulheres jovens, sem filhos, ou que pudessem ter comorbidades, ganharam alvarás de soltura. Já Tatiane, que é mãe de dois filhos menores de 12 anos e, portanto, segundo o Código Penal, teria direito a pelo menos prisão domiciliar, ficou presa.

“Mas se estava cheia de problemas, o que foi fazer lá?” Essa indagação, vinda do outro lado do espec-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



tro político, surgiu algumas vezes e Tatiane faz questão de respondê-la. Ninguém sabia que seria presa e, afinal, todos esperavam que a manifestação fosse como todas as outras da direita, pacíficas e, ao final, com todos retornando para suas casas. **“Essa é uma característica da direita: é uma manifestação da família”**, ela lembra.

Além do estresse pós-traumático, contra o qual tem que lutar até hoje, Tatiane adquiriu outros problemas dentro da prisão, pela absoluta falta de assistência médica. Ela ficou 20 dias sem dormir e implorou por uma consulta que aliviasse o problema. Finalmente conseguiu um tratamento psiquiátrico, que mantém até hoje, contra depressão e problemas com a insônia: **“Não tem como ficar 4 meses dentro de uma prisão e manter a sanidade total”**, conclui.

Hoje, a “liberdade” de Tatiane é permitida apenas com uma tornozeleira eletrônica, que, nos primeiros dias, deixou a região em carne viva. Na prisão, perdeu o aniversário da filha e do pai, datas de valor inestimável, que jamais serão recuperadas. Por uma

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

triste coincidência, saiu exatamente no dia das mães. **“Aquilo lá não é lugar pra pessoa de bem”**, afirma.

Ela conta que a maioria dos presos daquele dia já saiu e hoje estão cumprindo medidas restritivas. Algumas bastante duvidosas, como a proibição de acessar a rede social, bem como a de se comunicar entre si. Semanalmente, devem se apresentar à comarca das respectivas cidades. Tatiane conta que, um dia, perguntou a um servidor do Fórum, por curiosidade, com qual frequência os presos comuns se apresentam. Ele respondeu que, em média, a cada três, ou até seis meses.

O próximo desafio é enfrentar o julgamento. A Procuradoria-Geral da República já ofereceu um acordo, mais parecido, segundo ela, com uma confissão de culpa, aos manifestantes que não foram presos em flagrante na Esplanada. O processo não seria levado adiante e todos ficariam com a ficha limpa. Porém, devem confessar terem incitado crimes ao Estado Democrático de Direito e até ter integrado organização criminosa. Por enquanto,

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Tatiane resiste: **“Eu sou honesta e jamais assinaria por algo que não fiz”**. A advogada a tranquiliza e argumenta que ela não estava lá, fato comprovado pela localização do seu celular, bem como pelo testemunho do motorista do ônibus e pela Polícia Rodoviária Federal.

Os sofrimentos daqueles com quem conviveu são lembrados por Tatiane, que diz que muitos estão sem emprego, enfrentando graves dificuldades financeiras. Todos foram lá pelo futuro do país, afinal. Ela entende que quem invadiu tem que pagar, mas com individualização de conduta. **“É muito melhor estar aqui com minha família do que naquele inferno. Mas está sendo muito difícil”**, conclui com pesar.

Acima de tudo, Tatiane acreditava, e ainda acredita, em um Brasil melhor, para ela e seus filhos. Por isso, reivindicou uma eleição mais transparente, através da liberação do código-fonte e da utilização do voto impresso. Defende-se da acusação de golpismo, dizendo que o presidente estava viajando, os deputados estavam em recesso e os manifes-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

tantes desarmados. Nas mãos, eles tinham apenas Bíblias e garrafas d'água.

**“Que golpe é esse?”** É a pergunta que ela faz. Ainda sem resposta.



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



## CAPÍTULO #03

**ROBERTA BRASIL**

**"CONSIDEREM MINHA HISTÓRIA"**



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Roberta Brasil passou 10 anos de sua vida dedicados aos estudos. Primeiramente, formou-se engenheira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Depois, quis ir além, e ingressou em um dos cursos mais concorridos do país, o de Medicina, na prestigiada Universidade de São Paulo (USP).

No dia 6 de janeiro, dia do seu aniversário, Roberta estava no QG do Parque Ibirapuera, local de reunião de manifestantes na capital paulista. Sua revolta era contra um possível favorecimento de campanha eleitoral para o candidato adversário. Ela cita como exemplo o caso das inserções de rádio no Nordeste. Ainda, acusa o STF de agir junto com o TSE como participantes decisivos da eleição.

Roberta não havia participado de outras manifestações, mas achava que não tinha com o que se preocupar. **“Eu via as manifestações, inclusive a do Impeachment da Dilma. Não achei que seria ruim se manifestar”**, explica. Até mesmo a instalação de um QG indicava uma organização, pois ele servia para dar segurança aos manifestantes e também evitar que o direito de ir e vir de outras pessoas

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

fosse prejudicado. Ainda, não havia lideranças, sendo assim um movimento espontâneo ou, como ela prefere dizer, “orgânico”.

Acima de tudo, ela acreditava na liberdade de expressão. Ou seja, no direito fundamental de expressar suas opiniões, sem censura ou restrições governamentais. Porém, se surpreendeu com o que aconteceu: **“Não sabia que a gente estava em um nível tão difícil no país”**.

No Ibirapuera, conta que o clima era de aceitação da derrota. Depois da posse do novo presidente, muitos já haviam guardado seus pertences, desarmado suas barracas e ido para casa. Somente alguns, mais persistentes, decidiram ir à Brasília. Roberta foi um deles.

Tudo ocorreu na base da ajuda mútua, como é recorrente entre o grupo, sem qualquer tipo de financiamento. Eles conseguiram um ônibus e chegaram na capital federal no dia 7 de janeiro, um sábado. As memórias de eventos traumáticos são muitas

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



vezes difíceis de recuperar e as lembranças de Roberta daquele dia vêm fragmentadas.

O combinado era ir à Praça dos Três Poderes, um pouco depois do almoço, o que, segundo ela, causou estranhamento, pois ainda havia pessoas para chegar. De qualquer forma, seguiram com o plano e, lá pelas 13h, partiram. Eram tantos os manifestantes que Roberta acabou se perdendo dos poucos conhecidos que tinha. Quando percebeu, estava sozinha.

Até este momento, diz que tudo estava muito tranquilo. Havia pessoas louvando a Deus publicamente, predominando um clima de esperança e de união. Ela passou por um cordão policial e um dos agentes olhou sua bolsa. Cinco maçãs, uma manga e uma água era o que tinha. E tudo transcorria em segurança, pois policiais militares estavam presentes no entorno, exigindo até que as bandeiras fossem levadas sem hastes, para evitar qualquer risco de violência.

A grande reivindicação era a de maior transparên-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

cia nas eleições. Roberta conta que o que a incomodava, e muitos daqueles que votaram, era a proibição de sequer questionar o processo eleitoral. Alegações a respeito da confiabilidade do sistema, especificamente o das urnas, foram duramente reprimidas durante toda a campanha. A eleição deixou essa sensação de grito sufocado em muitos. Roberta foi uma entre os que gritaram até o final, e pagou caro por isso.

Ela lembra claramente que os prédios estavam abertos. Sem qualquer tipo de obstáculo. Inclusive, algumas pessoas chamavam quem estava fora para entrar. Não sabe dizer se estes eram infiltrados ou se agiram assim por comoção. Mas, sendo o movimento a princípio pacífico, não viu nada a temer. A ideia era demonstrar a indignação, da maneira que conseguissem.

O acesso dos manifestantes se deu pela “chapalaria”, ou o Salão Branco, a principal entrada de trabalho do Congresso. Calculou que o melhor era ficar por ali mesmo e evitar a parte de fora, que, pelos sons que vinham, parecia estar mais perigosa. Seguiu

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



até o Salão Verde, local onde parlamentares se reúnem para discussões informais, entrevistas e, muitas vezes, para a interação com a imprensa. Aqui as coisas começaram a piorar.

No local, viu os primeiros confrontos, e até mesmo o uso de bombas, atiradas, segundo ela, pelos policiais legislativos. Estes são os responsáveis por realizar a segurança interna do Congresso Nacional, especialmente a dos parlamentares. Seus membros têm, inclusive, poder de polícia, o que significa que podem realizar prisões no âmbito do Congresso Nacional, em casos de flagrante delito.

As bombas dificultaram a respiração de Roberta, que teve que sair para poder respirar. Ao voltar, lembra que ainda havia pessoas no local, mas os confrontos deram uma trégua. No Plenário, surgiu uma concentração de pessoas e por ali ela ficou mais um tempo. Lembrando que, nessa área, os danos ao patrimônio público foram mínimos. **“E se alguém aparecesse querendo vandalizar, as próprias pessoas impediam. Porque nenhuma**

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

**manifestação de direita era com quebradeira”**, ela lembra.

Em certo momento, muitas pessoas começaram a sair. Roberta conta que um policial legislativo sugeriu, inclusive, que eles permanecessem ali dentro por mais um tempo, pois era mais seguro. Os barulhos de bomba, de helicópteros e a confusão de fora se tornaram mais audíveis. Alguns manifestantes disseram se tratar da intervenção federal.

As imagens deste momento no Plenário não foram liberadas e apenas advogados tiveram acesso. Roberta diz que o clima continuava pacífico, com muitos manifestantes orando e até cantando. Outros estavam mais tristes e revoltados, em razão da situação adversa. Roberta se uniu àqueles que pediam ajuda a Deus: **“Boa parte do tempo em que estive no Plenário estava orando”**.

Como se os acontecimentos se desenrolassem em velocidade maior, Roberta lembra de imagens sucessivas. Uma pessoa que começa a passar mal e ela oferece uma água. Outro está nervoso e ela tenta

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



acalmar. Após serem levados ao estacionamento, ela vê um senhor se debatendo, no que parecia ser o início de uma convulsão. Os policiais pedem para que todos se afastem e fiquem no chão. Roberta questiona a ordem, pois o senhor continuava passando mal. **“Senhor, não posso ficar sem fazer nada, eu sou estudante de medicina”**, disse ao policial. Mesmo assim, acabou tendo que permanecer sentada, completamente impotente.

É curioso que até este momento Roberta ainda não tinha ouvido falar em ordem de prisão. Ainda achava que todos sairiam em segurança e voltariam para casa. Um policial apenas disse que eles teriam que dar um depoimento e falou na “audiência de custódia”. Mas, ainda, ninguém acreditava que iria passar dias em uma cela.

Enquanto isso, as restrições à liberdade aumentavam. Os manifestantes passaram a noite toda no subsolo. Roberta acha que era um estacionamento, pois havia alguns carros. Revendo o episódio, ela acredita que lá passaram em torno de 17 a 18 horas. Os manifestantes que estavam com celular atesta-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

ram que era algo próximo disso. Neste período, o máximo de comida que conseguiram foi graças a uma advogada que, generosamente, trouxe três sanduíches. Os três sanduíches foram divididos entre 38 pessoas.

Em seguida, todos foram obrigados a fazer o exame de corpo de delito. E tiveram que passar pelo constrangimento de ter que tirar suas roupas na frente dos agentes. Roberta lembra que a TV do Senado passou pelo lugar, com uma câmera, e eles esconderam seus rostos com a bandeira do Brasil.

Finalmente, souberam que seriam presos quando chegaram ao presídio da Colmeia. **“Eu não entendi que eu seria presa. Só fui perceber quando estava dentro da cela”**, rememora. Ou seja, Roberta não sabia sequer dos motivos da prisão. A audiência de custódia, que deveria ser realizada em 24 horas, ocorreu somente três dias depois. Como se resistisse a acreditar em tamanha arbitrariedade, nem ligou para a família. Afinal, ainda achava que poderia resolver tudo aquilo sozinha. Seus pais só soube-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



ram que ela estava presa quando se deram conta de que ela não havia voltado pra casa.

Então, começou sua longa e angustiante estada na Colmeia, onde ficou por 7 meses, saindo apenas no dia 9 de agosto. Roberta não sabe por que entrou, nem como saiu. Porque até as solturas foram sem critério, como no Dia da Mulher, por exemplo, em que algumas foram liberadas, sem motivo claro.

Roberta ficou na Ala “D”, onde havia 20 celas. Ela conta que chamava a sua de “quarto”, em uma tentativa de humanizar aquilo que parecia comportar animais. Cada ala tinha 150 mulheres, ou mais, e houve muitas mudanças entre elas. Inclusive pessoas com ensino superior e idosos ficaram em celas especiais, até o ministro Alexandre de Moraes proibir o privilégio dos primeiros.

Em cada cela havia duas treliches de madeira, porém Roberta conta que elas não tinham utilidade, pois os colchões afundavam. Outros presos relatam o mesmo problema, ou seja, a falta de um devido estrado para suportar o colchão. Assim, dormiam mesmo

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

no chão ou trançavam sacos plásticos para funcionar de estrado. Ela ficou perto do banheiro e, como tinha muita gente, não ficava no “quarto”, mas na “sala”, uma região entre o banheiro e a grade. Qualquer manifestante era proibido de ficar ali e ela tinha que sair, caso alguém aparecesse.

Foi só após 5 meses que pôde ver um familiar. Sua irmã foi visitá-la e, logo depois, viu também seu esposo, este por apenas 15 minutos. Ela lamenta que era muito caro para eles irem até lá, sem falar na burocracia das visitas, que era outro impeditivo. Muitos presos também não puderam ver parentes, por causa da exigência da vacina.

Hoje, ela está em uma liberdade bastante restrita. A tornozeleira eletrônica é um incômodo diário e, ainda, ela deve se apresentar na Justiça Eleitoral e no Fórum frequentemente. Conta que esta dupla exigência tem trazido muitos problemas a manifestantes. Alguns receberam voz de prisão pois não sabiam que deveriam se apresentar em dois lugares e há vários que precisam ir apenas a um deles, ou seja, há diversidade de tratamento. Roberta também

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



não pode usar redes sociais, nem falar com outras presas.

**“Eles não estão analisando as defesas”**, ela lamenta. Os advogados protocolam a peça um pouco antes do prazo terminar, perto da meia-noite, para fazer com que os ministros assistam. Como é um julgamento virtual, as defesas são apresentadas em vídeo. Porém, as decisões saem em poucos minutos, mesmo com os vídeos tendo algo próximo de vinte minutos de duração.

O julgamento ainda está para acontecer. Roberta confia que as imagens que foram fornecidas serão suficientes para provar sua inocência. Porém, ainda se preocupa, pois o primeiro condenado pelos atos do 8 de Janeiro pelo STF, Aécio Lucio Costa Pereira, garante não ter praticado qualquer dano e, mesmo assim, teve pena de 17 anos de prisão. Roberta está desesperançosa, pelo menos com a justiça dos homens: **“Não tem justiça. Só estou esperando mesmo em Deus.”**

Para além das restrições à liberdade, a vida pesso-

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

al de Roberta foi bem abalada. Ela não pode voltar para São Paulo e concluir seu curso. Isso porque os planos que tinha foram suspensos e sua matrícula está trancada. **“Perdi tudo. O pouco que tinha montado em São Paulo, tudo foi perdido. O que sinto mais falta são meus livros”**, lamenta.

A USP instalou uma Comissão de Apuração Preliminar para investigar a conduta dela. Roberta pode ser punida caso reste comprovado ter usado o nome da instituição nas manifestações. Ela se defende dizendo que falou apenas por si própria. O processo está pendente de manifestação definitiva por parte da diretoria. A “hegemonia da esquerda” que ela acredita imperar nas universidades a leva a desconfiar, inclusive, de um abaixo-assinado organizado por amigos em favor da sua expulsão. **“Quando a gente mais precisa, a gente vê quem são os amigos.”**

Ainda permanece o temor de bloqueio das contas, que pode ocorrer a qualquer momento. Roberta também dava aulas on-line e fazia monitorias. Ter passado em um dos vestibulares mais desejados do

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



país despertou a atenção de pessoas, que se tornaram seus alunos. Porém, sem redes sociais, o contato com eles está impossibilitado.

Roberta classifica como “crime impossível” o de atentado ao Estado Democrático de Direito naquela ocasião. **“Não tem como dar golpe de Estado em uma manifestação popular. Não precisa ser muito inteligente (para perceber isso).”**

Ao final, deixa uma mensagem clara e comovente aos ministros: **“Considerem minha história”**. Foram 10 anos dedicados aos estudos, que acabaram até por adiar outros sonhos, como o de construir uma família. Infelizmente, nenhum dinheiro será capaz de recuperar os danos à imagem que ela tem sofrido.



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



## CAPÍTULO #04

**GILBERTO ACKERMANN**

**“AS PROVAS NUNCA APARECERAM”**



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



Ele é cristão e, assim, se assume um pecador. Ou seja, como todos nós, cometeu seus erros e espera que estes sejam julgados adequadamente, seja por homens ou por Deus. Só que Gilberto Ackermann, corretor de seguros, foi condenado a 17 anos por atos que não cometeu: **“Ali ninguém é santo. Todos eram pecadores. Mas bandido não tinha”**, desabafa.

A dura pena imposta pelo STF ocorreu em 23 de outubro de 2023. Dentre os crimes imputados, Gilberto é acusado de tomada ilícita de poder, com uso de meios violentos para derrubar um governo democraticamente eleito. Além disso, os ministros observaram o “crime de multidão”, quando um grupo influencia a conduta do outro, em efeito manada. Ainda, o ministro Alexandre de Moraes disse que ele era “linha de frente” dos manifestantes, tendo inclusive dado instruções de enfrentamento contra as forças de segurança.

Gilberto chegou de ônibus ainda na madrugada do dia 8. Ele montou sua barraca e imediatamente ligou para sua mãe, tranquilizando-a e dizendo que estava

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

tudo bem. Naquela noite agitada, conseguiu dormir apenas uma hora no QG dos manifestantes.

Pela manhã, caminhou até a Praça dos Três Poderes, atravessando os quase oito quilômetros com escolta policial, passando também por uma revista. Gilberto conta que os policiais, até este momento, eram cordiais e que inclusive um deles o saudou com um “seja bem-vindo, a casa é sua”. Assim como os outros manifestantes, Gilberto acreditava estar apenas exercendo seu direito de se manifestar, de forma democrática.

Ao se aproximar da Praça, conta que havia muita gente e os confrontos já tinham iniciado. Dizer quem começou é bem difícil, ele explica. Apenas se lembra de uma viatura parada no Espelho D’água do Congresso Nacional. Neste dia, porém, o brilho das águas era ofuscado pela atmosfera nebulosa dos muitos gases, arremessados para dispersar os manifestantes.

Logo começaram a aparecer as primeiras vítimas daquele confronto. Gilberto relata que viu um senhor

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



de idade com um grave ferimento na região do olho. Em seguida, o acompanhou até duas senhoras que prestaram os primeiros socorros. Um outro idoso, que havia levado um tiro, chegando inclusive a convulsionar, foi também levado por ele para o mesmo local.

O tumulto generalizado forçou a polícia de choque a tomar uma atitude. Segundo Gilberto, eles pediram que os manifestantes subissem a rampa e entrassem no prédio. Este era um lugar muito mais seguro do que o caos de fora. Dentro do Palácio do Planalto, Gilberto diz que já estava bastante cansado. Fez então sua segunda ligação, desta vez para sua esposa, explicando o que estava ocorrendo.

Os abusos policiais contra os manifestantes, especialmente com idosos e mulheres, deixaram Gilberto revoltado, que, em um momento de indignação extrema, chegou a gritar “selva!”. Ele conta que o ministro Alexandre de Moraes viu nisso um exemplo de ordem direta de ataque às forças de segurança.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Na medida em que o cenário piorava, Gilberto passou a se preocupar com as consequências jurídicas de tudo aquilo. Mas ao observar a quantidade de câmeras ficou mais seguro, afinal, elas certamente apontariam culpados e inocentes. Ele nunca teve acesso a esses vídeos e hoje implora para que sejam integralmente exibidos. **“Eu gostaria da prova do que eu fiz. Afinal, estamos falando de uma pena de 17 anos”**.

O prédio já estava todo cercado e então a polícia de choque entrou. Ficou impossível sair de lá e assim Gilberto permaneceu. Um major do Exército ordenou que ele ajudasse um senhor a descer a escada e que colocasse uma porta em um dos degraus, para impedir que outros subissem. Ele obedeceu a ordem, pois naquele momento queria apenas o que a maioria dos manifestantes também desejava: resolver o conflito o quanto antes.

Gilberto lembra que um vândalo ergueu a tampa de um bueiro e ameaçou arremessá-la em um túnel, o que poderia atingir gravemente as pessoas. Os manifestantes o impediram, evitando uma tragédia. Os gritos de “não quebra!” eram ouvidos em

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



todo lugar. Porém, as arbitrariedades continuavam, tornando uma solução pacífica cada vez mais distante. A Polícia de Choque arremessou duas bombas “ensurdecedoras”, segundo ele. O teto baixo do ambiente amplificou o seu efeito.

As ordens, emanadas de forças de seguranças distintas, causavam cada vez mais confusão. Gilberto conta que um coronel da Polícia de Choque deu uma rasteira em uma senhora, que até bateu a cabeça. Um major do Exército o abordou e Gilberto temeu por um conflito entre Exército e Polícia de Choque. Porém, o major apenas disse algo no ouvido dele e se dirigiu aos manifestantes, no que pareceu ser uma ordem de prisão. Todos seriam algemados e conduzidos à delegacia.

**“As provas nunca apareceram”**. O semblante de Gilberto, durante a maior parte da entrevista, é o de quem parece estar dilacerado pela absoluta incompreensão. Conta que, na audiência, os policiais sequer conseguiram reconhecer os manifestantes. A acusada “associação criminosa” era formada por pessoas que sequer se conheciam, nem tinha líderes.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

E suas armas eram apenas bandeiras, crucifixos e terços, ele diz.

Na delegacia, às 21h30, o Delegado da Polícia Civil emitiu uma nova ordem. Todos teriam que fazer apenas um termo circunstanciado, sendo posteriormente liberados. Procedimento que fazia sentido, este é um procedimento para registrar ocorrências de menor potencial ofensivo. Sua função é simplificar o processo de apuração de infrações. Porém, às 01h30, ou seja, somente quatro horas depois, essa salutar ideia foi alterada por uma bem pior. Os manifestantes seriam conduzidos para a Papuda. Todos se olharam, buscando respostas uns nos outros. Só conseguiam expressar uma muda perplexidade.

Foi somente através de um advogado que ele pode se comunicar novamente com a esposa. Desta vez, na sua terceira ligação, para dizer que seria preso. E assim ficou até amanhecer o dia, pela primeira vez na vida. Acordaram e foram para o Instituto Médico Legal – IML realizar o exame de corpo de

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



delito. Gilberto havia levado um tiro nas nádegas.

A maioria dos manifestantes ainda tinha esperança de que tudo seria resolvido. Talvez em dois, ou três dias, no máximo. Afinal, era fácil identificar quem havia cometido crimes e quem estava se manifestando pacificamente. Sem falar que a maioria tinha residência fixa, era réu primário e as provas eram poucas. Realizada a audiência de custódia, iriam embora. Gilberto passou 200 dias na Papuda.

Preso no domingo, a audiência de custódia deveria ter sido realizada na segunda, mas aconteceu somente na quinta. **“Mesmo sendo leigo no Direito, eu via que o rito não estava sendo seguido”**, ele diz. Realmente, as disposições do Código Penal e do Código de Processo Penal passaram longe daqueles dias. O prazo seguinte, em que a Procuradoria-Geral da República deveria formular acusação em 30 dias, também não foi observado.

Os mais de 7 meses na Papuda trazem um relato de um verdadeiro sobrevivente. As restrições de

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

toda forma, para além da liberdade, causaram marcas que duram até hoje. Esta sensação de uma dor que não acaba é compartilhada por vários presos, que dividem um pouco de seus sofrimentos em grupos de Whatsapp.

Em uma cela de 8 camas para 18 pessoas, Gilberto diz que, ainda assim, o clima entre os presos era de união. Ninguém se conhecia, mas através da oração e do respeito mútuo, conseguiram fazer um pacto de civilidade entre aquelas grades, que evitou que as coisas piorassem. **“A corrente do bem sempre foi maior do que tudo”**, ele explica.

Gilberto vem do interior de Santa Catarina. Na pequena cidade de Benedito Novo, de pouco mais de 10 mil habitantes, ele lembra de sua infância. Seu pai criava porcos, então, ainda menino, acostumou-se com um chiqueiro que ficava na parte de trás de sua casa. Ele sabe bem o que é uma “lavagem”, a comida destinada aos porcos, feita a base de polenta e macarrão. Esta, ele afirma, “comeria tranquilamente”. Diferentemente da “lavagem” da Papuda, apelido pejorativo dado pelos presos para aquela ração

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



humana, que vinha até com cacos de vidro. **“Não chame isso de lavagem porque a lavagem não merece”**, desabafa.

Essas restrições alimentares agressivas causaram uma perda média de 20 kg nos presos. Nota-se hoje que o rosto de Gilberto está bastante afinado. Ainda, por efeito dos gases arremessados, Gilberto ficou com uma sequela na garganta, que costumava até sangrar, ainda na prisão. Ele implorou por medicação ou qualquer outra coisa que aliviasse a dor. Foi então, junto com outros doentes, deslocado para outra cela. Ali, ele ficou perto da privada, ou do “boi”, gíria da cadeia, que foi obrigado a se familiarizar.

A carência de materiais de higiene era grande e o presídio liberava que familiares enviassem kits. Porém, arbitrariamente, os proibiam, sem motivos claros. Ainda, alguns advogados eram impedidos de levá-los, sob o argumento de que excediam a cota. Foi só após 5 meses de estadia que ele começou a receber de maneira mais frequente.

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

Houve outra recondução e os presos foram distribuídos por Estado. Gilberto ficou com outros manifestantes catarinenses e diz que ali se estabeleceu uma “irmandade”. Os mais necessitados sempre tinham preferência. Famílias com menos recursos, ou aqueles que demonstraram mais vulnerabilidades, recebiam cuidados maiores. Ele conta ainda que havia um psicólogo que, no banho de sol, atendia os presos para tentar aliviar as imensas dores psicológicas que uma situação daquela causava. **“A base era essa: ajuda mútua”**, resume.

Em um ambiente em que a desesperança parecia ser o único sentimento presente, um relato de conversão trouxe um pouco de luz para aqueles corações. Um médico preso entrou como ateu e, lá dentro, foi batizado. Na falta de assistência médica adequada, ele era como um anjo que ajudava diversos presos, em pleno espírito de entrega ao próximo.

Em relação às visitas, Gilberto conta que, mesmo tendo direito, não quis que sua esposa viesse. Não queria que ela testemunhasse aquele inferno tão

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



real. Sua amada companheira teve que sofrer à distância.

Na visita dos ministros Alexandre de Moraes e Rosa Weber, Gilberto foi um dos que fizeram uma pergunta. Moraes teria tranquilizado os presos, ao dizer que os advogados poderiam peticionar requisitando uma transferência para os respectivos estados. Gilberto ergueu a mão e perguntou “**como vou peticionar se não sei quanto tempo vou ficar preso?**”. O ministro respondeu dizendo que ficariam presos por mais um tempo, mas que poderiam peticionar. A petição nunca foi apreciada.

Finalmente, Gilberto recebeu um alvará de soltura e foi solto em uma das levadas. Mas não sabe dizer o porquê e diz que poderia ter sido na primeira, ou na segunda leva, assim como poderia estar preso até hoje. A incerteza foi soberana em todo esse processo e a maioria dos 2 mil presos nunca tiveram respostas claras. Quando perguntado se tem alguma esperança no Projeto de Lei, de iniciativa do Senador Hamilton Mourão, que concederia anistia aos condenados do 8 de Janeiro, ele é cético: “**A minha esperan-**

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO

**ça é somente no divino”.**

Os danos que uma condenação causam vão muito além da restrição da liberdade. As rendas dos condenados caem sensivelmente e muitos ficam impossibilitados de trabalhar. Gilberto, solidário, relata sobre um estivador que não pode mais trabalhar de madrugada, o melhor horário do seu serviço, e também sobre um caminhoneiro que virou uber, pois não pode deslocar distâncias grandes.

O que mais machuca Gilberto é, naturalmente, os danos à sua vida pessoal. Conta que, muitas vezes, sequer pode sair para jogar bola com seu filho. **“Não sou só eu que estou preso. Meus filhos estão presos”.** Há também o desafio de explicar para o filho que ele não fez nada, mas pode voltar para a cadeia, mesmo assim. Além disso, o seu pai está acamado, gravemente doente, e sobrevive à base de sondas. O advogado compilou os exames e pediu apenas uma visita rápida. Ela não foi permitida.

**“Se eu tivesse feito algo, eu falaria. Eu falo, não fujo das responsabilidades”.** Gilberto quer apenas que

[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



a verdade apareça e ignora aqueles que estão hoje vibrando com sua condenação. Não tem mágoa de ninguém, pois prefere ver as coisas boas disso tudo, como a conversão do médico e o clima de união que se instalou naqueles dias, quando tudo apontava para o contrário.

Como cristão, diz que não pode ser “morno”. Ou seja, sua fé determina que ele se posicione, a qualquer custo, mesmo que o mundo diga que não. Por isso, pela sua crença, Gilberto ainda tem esperança de que a verdade apareça.

Ao final, quando poderia desabafar, ou quem sabe atacar seus acusadores, simplesmente agradece aos pais pela educação que teve e à sua mulher pelo apoio incondicional que deu nestes difíceis meses.



[voltar para o índice](#)

*Histórias que precisam ser conhecidas: 8 de Janeiro*

GAZETA DO POVO



# Gostou do conteúdo?

APOIE A GAZETA DO POVO, ASSINE JÁ!

**EU APOIO!**

**GAZETA DO POVO**